

A química, a política e a sociedade

por Grazieli Gotardo



O professor de Química Gilberto Alves Ramos atua no Colégio João Paulo I

A militância cultural, social e política é uma das marcas do professor de Química Gilberto Alves Ramos, de Porto Alegre. Tudo começou em um dos berços da comunidade negra da capital gaúcha, o bairro Cidade Baixa, onde nasceu. “Aprendi desde cedo que ser negro demandava um esforço danado para ser reconhecido como capaz e, ainda hoje, faço disso uma bandeira de luta diária”, afirma. As lembranças da infância no bairro envolvem lendas sobre príncipes e carnaval. “Aprendi a dançar e gostar de carnaval em clubes de negros como o Floresta Aurora, Satélite Prontidão e Democratas. Vi a Imperadores do Samba ser fundada e ajudei a “esquentar os seus tamborins”, lembra com saudade.

A vida política começou na sala de sua casa, quando acompanhava as reuniões de comitês políticos do PTB em que seu pai, funcionário da Viação Férrea, e sua mãe, professora de História, estavam envolvidos. Aos 12 anos fez sua primeira greve, no Colégio Julinho, em defesa do Grêmio Estudantil, que o governo militar queria dissolver. “Nessa idade eu ainda não sabia bem o que estava fazendo, mas isso foi formando minha veia política. Os alunos maiores nos esclareciam os fatos e o porquê da necessidade de se fazer algo em defesa da nossa representação máxima. A ditadura foi um regime sanguinário, que marcou minha adolescência e a vida de muitas pessoas que conheço”, afirma.

Durante a faculdade, na PUCRS, escreveu para o jornal *Inimigos do Rei*, publicação anarquista. Como professor do ensino público, atuou como militante do Cpers Sindicato, passou pelo movimento negro e pela extinta organização socialista *Liberdade e Luta*. A rua é um espaço que ele valoriza muito e, por isso, ressalta, até hoje faz questão de estar presente em mobilizações. “Faço questão de participar dos movimentos de rua, pois acredito que a rua é o espaço democrático que a gente tem para se manifestar”, destaca.

No ensino privado, sua trajetória começou em 1978, no Colégio Cruzeiro do Sul, e hoje, aos 64 anos, leciona no Colégio João Paulo I. Outra marca de suas aulas é a vivência e atuação social, quando lições de química e lições de vida se misturam. Para ele, a sala de aula é um espaço do professor e serve para que se possa colocar muito além da matéria. “Falar em educação libertadora é falar em ação revolucionária, é falar em solidariedade, cidadania e melhoria das condições dos setores menos privilegiados da sociedade. Só assim teremos cidadãos com a capacidade democrática de conviver, entender e aprender com o diferente”. Aos 64 anos, coleciona convites para ser paraninfo de turmas, momento esperado pelos alunos que querem ouvir seu discurso, sempre cheio de mensagens para a vida.

A seção Intervalo se propõe a revelar o perfil humano dos professores ao relatar experiências de educadores que desenvolvem atividade diversa da docência, seja de forma profissional ou como passatempo. Envie sua sugestão aos editores: extraclassa@sinprors.org.br.

PALAVRA DE PROFESSOR

por Jerusa Alves Cuty
professora de Língua Portuguesa

Aprendizagem ubíqua@

O estranhamento inicial ao ser mencionada a palavra “ubíqua” pode trazer uma lacuna na comunicação entre os indivíduos que têm o primeiro contato com esse vocábulo. A aprendizagem ubíqua vem da expressão *ubiquitous learning*, a qual se refere ao processo de aprendizagem onipresente, em que é possível estar em todos os lugares ao mesmo tempo para aprender. Dessa forma, a ubiquidade está inerente ao deslocamento. No entanto, como o professor pode se desdobrar para dar conta desse novo desafio?

Cada envolvido com essa possibilidade não precisará se recriar em muitos clones, mas terá que agregar ao seu ofício os dispositivos móveis, os quais trazem a capacidade de produzir e de buscar mensagens. As formas de aprendizagem mediadas por esses aparelhos, como relata Lúcia Santaella em sua obra *Comunicação Ubíqua* acontecem com atividades simultâneas, com ações em plataformas diversas e com a interatividade a todo o momento.

Percebemos, então, que vivemos uma nova realidade, de uma aprendizagem universal, em que as tecnologias digitais podem ser levadas para qualquer espaço onde se tenha sinal a partir de uma rede de dados. O ciberespaço, como cita Pierre Lévy, em *Cibercultura*, é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. A partir disso, o impacto dessa forma de aprendizagem, a qual nos é sinalizada, possibilita a construção de uma inteligência coletiva. Para a escola, portanto, surge o desafio de integrar o potencial que as novas mídias apresentam, somando a educação formal com a educação ubíqua.

Para os docentes, o processo dessa ubiquidade envolve um procedimento de filtragem da informação que é acessada pelos estudantes, para que se agregue valor ao que se está aprendendo. E não apenas os discentes estão incluídos nessa aprendizagem, mas todos nós, profissionais que mediamos a nova linguagem, também fazemos parte desse conjunto de fatos sociais.

Somado a isso, como em outros momentos da história da humanidade, não podemos abandonar o que já foi descoberto e desenvolvido, a exemplo das tecnologias eletromecânicas: fotografia e cinema, com as quais foram se transformando o conceito de arte, mas uma não acabou com a importância da precedente. Ou mesmo, entre o livro impresso e o e-book, em que o prazer sinestésico de folhear as páginas é maior do que a praticidade de carregar um *tablet* e ler o que agrada a cada leitor.

O caminho para superar os problemas é longo e conforme Paulo Freire, “a ousadia precisa fazer parte do cotidiano do professor”.

Os artigos para essa seção devem ser enviados até o dia 15 de cada mês com no máximo 2.300 caracteres para o e-mail palavradeprofessor@sinprors.org.br.